

ARQUEOLOGIA E PRÁTICA

ETNOGRÁFICA: DIFERENTES

APROXIMAÇÕES E TEMAS

DE PESQUISA*



FABÍOLA ANDRÉA SILVA **

Ao longo da história da arqueologia, os dados etnográficos vêm contribuindo de modo relevante para a construção e desenvolvimento do conhecimento arqueológico. Eles têm fundamentado as reflexões de diversa(o)s profissionais da disciplina a respeito da relação entre pessoas e coisas, em diferentes tempos e lugares. Inclusive, nas últimas décadas, temos vivenciado uma ‘virada etnográfica’ na arqueologia, sendo que a prática etnográfica levada a cabo por arqueólogues tem se mostrado bastante consistente, peculiar, e também, reveladora das transformações teórico-metodológicas da disciplina, no decorrer do tempo. Analogia etnográfica, etnoarqueologia, arqueologia do presente, etnografia arqueológica, arqueologia etnográfica e etnografia da arqueologia são as denominações e os campos/sub-disciplinas de investigação arqueológica que exemplificam essas transformações e este modo próprio de compreender os dados etnográficos e o que vem a ser a prática etnográfica, na arqueologia.

Podemos afirmar que a gênese da prática etnográfica remonta à época renascentista quando viajantes, missionários, naturalistas e agentes administrativos, no âmbito da expansão colonialista europeia, possibilitaram que ‘a vida dos nativos’ fosse conhecida e reportada nos relatos de expedições científicas, nos documentos administrativos e nos acervos de colecionistas. No entanto, foi somente a partir do século

* Recebido em 16.12.2022. Aprovado em 16.12.2022.

** Docente e pesquisadora do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Coordenadora do Laboratório de Estudos Interdisciplinares sobre Tecnologia e Território (LINTT). Bolsista Produtividade CNPq (PQ-2). E-mail: faandrea@usp.br.

XIX que os fundamentos da etnografia – enquanto uma prática de pesquisa científica – começaram a ser definidos em consonância com o desenvolvimento da disciplina antropológica (CLIFFORD, 1998).

Etnografia é uma palavra de muitos sentidos. A antropologia é a disciplina que a consagrou e há quem diga que ‘fazer etnografia’ é o que especifica o ofício de antropólogo. Neste sentido, a história da prática etnográfica se entrelaçada com a história da antropologia que, desde o século XIX até a atualidade, vem refletindo a seu respeito, tentando definir o que é a etnografia em termos epistemológicos e hermenêuticos. Assim, ela vem sendo definida e/ou compreendida como uma metodologia, uma experiência de pesquisa, uma imersão em uma dada realidade, uma prática (auto)reflexiva sobre a alteridade, uma representação textual da experiência etnográfica. Independentemente dos sentidos que possa assumir é inegável que a prática etnográfica está no cerne do processo de construção do campo antropológico (GEERTZ, 2005; STRATHERN, 2014). Nas últimas décadas, a etnografia – como metodologia, ou prática de pesquisa – foi incorporada por outras disciplinas, em distintas áreas do conhecimento (p. ex. saúde, educação, psicologia, direito, geografia) ampliando, para além da antropologia, a sua contribuição na construção do conhecimento sobre a diversidade e complexidade da vida social.

Nos inícios da disciplina arqueológica, os dados etnográficos coletados por diferentes indivíduos (p.ex. viajantes, naturalistas, missionários, etnólogos) foram vistos como uma fonte de referências para a interpretação dos dados arqueológicos, e a este modo de construir o conhecimento arqueológico se deu o nome de analogia etnográfica. O uso da analogia etnográfica foi comum às arqueologias europeia e americana, no século XIX, e nas primeiras décadas do século XX, estando embasado no pressuposto de que existiriam similaridades comportamentais e situacionais entre o que se observava etnograficamente e o que se identificava nos contextos arqueológicos. Analogia geral era o termo empregado quando a comparação era estabelecida entre contextos etnográficos e arqueológicos que apresentavam similaridades em termos de configuração ambiental e organização tecnológica. Analogia histórica específica ou abordagem histórica direta era o termo empregado quando se comparava contextos etnográficos e arqueológicos que apresentavam similaridades em termos de uma conexão histórica e/ou cultural. Estas formas de analogia estavam embasadas, respectivamente, no evolucionismo cultural (analogia geral) e no difusionismo e culturalismo boasiano (analogia histórica direta) (ASCHER, 1961; STEWARD, 1942; TRIGGER, 1992).

A partir da década de 1950, pesquisadores passaram a enfatizar a proposição de que os próprios arqueólogos deveriam coletar os dados etnográficos de relevância para a interpretação arqueológica e, assim, foi se estruturando o campo/sub-disciplina de investigação arqueológica conhecido como etnoarqueologia, que teve a sua consolidação definitiva, entre os anos de 1960-1970. Este campo/sub-disciplina da pesquisa arqueológica foi definido no âmbito da arqueologia processualista e com a preocupação de investigar e compreender a relação entre o comportamento humano e seus correlatos materiais com vistas a contribuir na interpretação do registro arqueológico. Neste caso, a etnografia foi entendida como um método de investigação que possibilitava a compreensão dos processos de produção, uso, armazenagem e descarte da cultura material levados a cabo por populações, no presente, sendo uma fonte de produção de dados etnográficos originais relevantes para a construção de teorias, hipóteses e modelos interpretativos sobre a formação do registro arqueológico. Nos

anos de 1980, a etnoarqueologia processualista foi alvo das críticas de arqueólogues pós-processualistas, que redefiniram o escopo de pesquisa deste campo/sub-disciplina, investindo no entendimento da materialidade em termos dos seus significados simbólicos e agência. Assim, na etnoarqueologia pós-processualista a ênfase das pesquisas foi direcionada para temas como poder, gênero, interações sociais, cosmologia, xamanismo e simbolismo ritual. A partir da crítica pós-processualista, a etnoarqueologia foi se definindo como um campo/sub-disciplina que buscava investigar o entrelaçamento entre as pessoas e o mundo material com o intuito de compreender a complexidade e diversidade deste entrelaçamento, em diferentes tempos e lugares (DAVID; KRAMER, 2001; LANE, 2016).

Na atualidade, a prática etnográfica na arqueologia vem adquirindo novos sentidos. Alguns autores evidenciam a importância de se fazer uma arqueologia etnográfica sem uma preocupação *a posteriori* de estabelecer conexões e analogias com os registros arqueológicos. Outros defendem uma arqueologia do presente para se investigar a materialidade das populações contemporâneas, em termos das dinâmicas históricas, socioeconômicas, políticas e ideológicas nas quais elas estão inseridas. Ou ainda, de empreender uma arqueologia do mundo contemporâneo que permita aos arqueólogues entenderem a “supermodernidade” e conseguirem revelar as diferentes versões das histórias que ocorreram e ocorrem no mundo, desde um passado recente até os dias de hoje. Há autores que também têm procurado enfatizar uma etnografia arqueológica no sentido de compreender os modos de apreensão da materialidade do passado, no presente (CASTAÑEDA *et al.*, 2008; GONZÁLEZ-RUIBAL, 2006; HAMILAKIS, 2016).

Nos últimos anos, também se multiplicaram as chamadas arqueologias colaborativas que pressupõem a prática etnográfica como condição *sine qua non* para a construção do conhecimento arqueológico. Neste caso trata-se de uma prática (auto) reflexiva que implica na relação dialógica com as populações locais no que se refere à interpretação e gestão dos patrimônios arqueológicos, sob o pressuposto de que existem múltiplas arqueologias e que estas não dizem respeito exclusivamente ao passado, mas remetem ao presente e futuro dos coletivos humanos. Assim, a fala das ‘pessoas do lugar’ é, ao mesmo tempo, objeto da reflexão arqueológica e uma forma procedente e legítima de conhecer e dar significado ao que se convencionou chamar de patrimônio arqueológico. Cabe dizer que esses novos tempos da prática etnográfica na arqueologia implicam na imersão dos arqueólogos em diferentes realidades, definindo o caminho para uma arqueologia cada vez mais comprometida, em termos sociais e políticos, com as populações contemporâneas. Ou seja, a prática etnográfica está engendrando uma possibilidade de transformação da disciplina rumo à decolonialidade do saber arqueológico (ATALAY, 2012; COLWELL-CHANTHAPHONH, FERGUSON, 2008; GNECCO, AYALA, 2010; HABER, 2016).

Neste dossiê reunimos trabalhos de pessoas que têm se dedicado à prática etnográfica em suas pesquisas arqueológicas, e que buscam refletir sobre diferentes aspectos da relationalidade de pessoas, coisas, plantas e materiais. Os textos abordam temas diversos e complexos como, por exemplo: as transformações teórico-metodológicas da etnoarqueologia e a sua potencialidade para a compreensão da materialidade no passado e no presente; o modo como determinados povos indígenas constroem narrativas sobre a sua trajetória de ocupação territorial, evidenciando os seus regimes próprios de historicidade; as formas de relação entre pessoas, plantas e coisas em termos simbólicos,

dos afetos, e da agência desses actantes; o modo como diferentes coletivos humanos se apropriam das coisas arqueológicas e engendram paisagens culturais nos termos das suas representações simbólicas e identidades; a multitemporalidade, plurissemântica e fetichização do que arqueólogues definem como patrimônio arqueológico. Nossa objetivo com a reunião de todos esses textos foi evidenciar que o encontro de profissionais da arqueologia com comunidades locais e povos originários tem sido fundamental para o desenvolvimento e transformação das práticas e dos conhecimentos arqueológicos. Além disso, quisemos enfatizar a relevância e premência, na contemporaneidade, de uma disciplina arqueológica com compromisso científico, social e político.

Referências

- ASCHER, Robert. *Analogy in archaeological interpretation*. *Southwestern Journal of Anthropology*, v. 17, p. 317-325, 1961.
- ATALAY, Sonya. *Community-Based Archaeology. Research with, by, and for Indigenous and Local Communities*. Berkely: University of California Press, 2012.
- CASTAÑEDA, Quetzil; MATTHEWS, Christopher (eds.). *Ethnographic Archaeologies: refletions on stakeholders and archaeological practices*. Lanham: AltaMira Press, p. 1-23, 2008.
- COLWELL-CHANTHAPHONH, Chip; FERGUSON, Thomas J. (eds.). *Collaboration in Archaeological Practice. Engaging descendant communities*. Lanham: Altamira Press, 2008.
- CLIFFORD, James. *A Experiência Etnográfica*. Antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1998.
- DAVID, Nicholas; KRAMER, Carol. *Ethnoarchaeology in Action*. New York: Cambridge University Press, 2001.
- GEERTZ, Clifford. *Obras e Vidas. O antropólogo como autor*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.
- GNECCO, Cristóbal; AYALA ROCABADO, Patrícia (eds.). *Pueblos indígenas y arqueologías en América Latina*. Bogotá: Universidad de los Andes, 2010.
- GONZÁLEZ-RUIBAL, Alfredo. The past is tomorrow. Towards an archaeology of the vanishing present. *Norwegian Archaeological Review*, v. 39, n. 2, p. 110-125, 2006.
- HABER, Alejandro. Decolonizing Archaeological Thought in South America. *Annual Review of Anthropology*, v. 45, p. 469-85, 2016.
- HAMILAKIS, Yannis. Decolonial archaeologies: from ethnoarchaeology to archaeological ethnography. *World Archaeology*, v. 48, n. 5, p. 678-682, 2016.
- LANE, Paul (ed.). Debates in world archaeology. *World Archaeology*, v. 48, n. 5, 2016.
- STEWARD, Julian H. The direct historical approach in archaeology. *American Antiquity*, v. 7, n. 4, p. 337-343, 1942.
- STRATHERN, Marilyn. *O Efeito Etnográfico e Outros Ensaios*. São Paulo: Cosaf Naify, 2014.
- TRIGGER, Bruce. *Historia del Pensamiento Arqueológico*. Barcelona: Editorial Crítica, 1992.